



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CCE
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA CULTURA DIGITAL



**A UTILIZAÇÃO DAS TDIC NO CONTEXTO ESCOLAR COMO
FERRAMENTA PARA O ESTUDO DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA**

LUCIANE GUARDA

FLORIANÓPOLIS - SC, AGOSTO DE 2016.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CCE
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA CULTURA DIGITAL



A UTILIZAÇÃO DAS TDIC NO CONTEXTO ESCOLAR COMO FERRAMENTA PARA O ESTUDO DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

*Monografia apresentada a UFSC,
Universidade Federal de Santa Catarina por
Luciane Guarda, como parte dos requisitos
para a obtenção do Grau de Especialização
em Educação na Cultura Digital, sob
orientação do professor Msc Kleicer Cardoso
Rocha.*

FLORIANÓPOLIS, SC, AGOSTO DE 2016.

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que me apoiaram nesta caminhada, professores, em especial o professor Kleicer Cardoso Rocha pela dedicação, colegas de curso, amigos, familiares que foram minha base de sustentação, que sempre me apoiaram e ao meu marido, Luiz Celso Bernardi e meu filho Luiz Fernando pela compreensão e apoio.

**A educação não pode ser responsabilizada por todas as
mudanças, porém, não existem mudanças sem a
educação!**

Paulo Freire

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	06
2. METODOLOGIA.....	09
3. AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E O ENSINO DE GEOGRAFIA DO INÍCIO DO SÉCULO XX AOS DIAS DE HOJE.....	11
4. A GEOGRAFIA QUE NÃO ATRAI E NÃO DESPERTA INTERESSE PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.....	18
5. O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA COMUNICAÇÃO E DA INFORMAÇÃO COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA PARA DESPERTAR INTERESSE AO ENSINO DE GEOGRAFIA.....	22
5.1 A integração das TDIC (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) ao currículo.....	22
5.2. O uso das Tecnologias Digitais da Comunicação e da Informação como ferramenta metodológica para despertar interesse ao Ensino de Geografia.....	25
5.3. A utilização da fotografia como ferramenta metodológica para o ensino de Geografia.....	27
6. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA RAUL POMPÉIA COMO EXEMPLO DE INTEGRAÇÃO DAS TDIC AO CURRÍCULO.....	30
6.1. ATIVIDADE 1: O estudo do conceito geográfico paisagem por meio da fotografia.....	30
6.2. ATIVIDADE 2: Elaboração de foto – sequência: A interferência Humana nas diferentes paisagens.....	37
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
9. ANEXOS.....	47

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo geral refletir e identificar os limites que o atual sistema de ensino de Geografia apresenta, bem como as possibilidades apresentadas a partir da utilização das TDIC no contexto escolar, como ferramenta para estudo da ciência geográfica. Compreendendo que o sistema educacional como se apresenta hoje é resultado de um longo processo onde esteve direcionado a atender diferentes fins ao longo da história, configurando-se como uma ciência desnecessária perante o olhar de muitos estudantes. Dessa forma, considerando a importância da utilização das tecnologias como ferramenta metodológica para propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico e sua relação com a sociedade, visando superar a concepção de que a Geografia é uma ciência desnecessária e desinteressante. Ao utilizarmos as tecnologias digitais em nossas práticas, como as apresentadas nesse trabalho utilizando a fotografia para o estudo dos conceitos geográficos Lugar por meio de uma atividade interdisciplinar entre os componentes curriculares: Geografia, Arte e Língua Portuguesa, na Escola de Educação Básica Raul Pompéia de Campo Erê – SC, envolvendo 29 estudantes do 8º Ano 2 Matutino, e o estudo do conceito Paisagem, por meio da elaboração de uma foto-sequência, oferecemos uma possibilidade, ou uma noção mais ampla desse espaço estudado, ficando bem mais significativo o processo de ensino aprendizagem da Geografia. Essas novas propostas de ensino irão contribuir na formação de indivíduos autônomos e críticos, preparados para exercer sua cidadania frente à realidade em que vivem. Mas, para que isso de fato ocorra muito se tem a melhorar, sendo necessário ainda, muito estudo para a compreensão sobre o uso das TDIC no ambiente escolar, visando despertar interesse e aprendizagem geográfica.

Palavras chave: Ensino de Geografia, TDIC, Fotografia, Lugar, Paisagem.

1. INTRODUÇÃO

O ambiente escolar é o espaço privilegiado do conhecimento, de estudantes diferentes e com formas diferentes de assimilação do conhecimento. Com esse pensamento, compreendo que nós educadores não devemos ter uma única metodologia para uma classe tão diversificada e repleta de novidades e inovações, devemos nos adequar as diferentes possibilidades que nos são oferecidas para tornar nossas práticas inovadoras, produtivas e atrativas.

Conhecendo meus limites, percebi a importância de estar repensando minhas práticas, sabendo que minha formação é insuficiente para dar conta desse novo contexto educacional que se apresenta. Sou formada em Licenciatura em Geografia pela UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão - Paraná e possuo especialização em Ciências Sociais História e Geografia pela CELER de Xaxim - Santa Catarina. De início acreditava que possuía todos os requisitos suficientes para ser uma profissional de sucesso, porém, ao adentrar o ambiente escolar no ano de 2014, em meu primeiro ano em sala de aula, deparei-me com uma nova realidade muito diferente da qual fui educada e percebi a necessidade de estar preparada e disposta a buscar novas possibilidades, novos rumos para minhas práticas, inserindo as tecnologias como alternativas criativas para estar trabalhando e dando significado aos conhecimentos geográficos no momento atual.

No decorrer da história, a educação passou por um profundo processo de metamorfose, estando direcionada a atender diferentes fins ao longo da história, todos visando à reprodução do capitalismo, ou, a geração de lucros.

No início, o objetivo único da educação era a formação da mão-de-obra necessária as indústrias. Buscava-se a formação técnica, mecânica. Hoje, as necessidades educacionais são mais abrangentes, faz-se necessário à formação de um indivíduo dinâmico, crítico, criativo, flexível, apto e disposto a atualizar-se e especializar-se constantemente para atender as necessidades de um mercado de trabalho que também muda em ritmo acelerado.

Dentro deste contexto de transformações sociais, a Geografia Crítica busca a compreensão dessas mudanças. Surge a partir de 1970, como um movimento de renovação da Geografia, onde os geógrafos passam a questionar e criticar a Geografia Tradicional, assumindo um novo papel como uma ciência atuante, preocupada em

explicar as relações entre sociedade, trabalho e natureza na produção e apropriação do espaço geográfico.

Essa Geografia, desde que surgiu no Brasil esteve vinculada a diferentes correntes filosóficas, desde a tradicional, onde estudava o espaço, desprovido de intencionalidade política e que no ensino, se traduzia a descrição e memorização dos elementos que compõe a paisagem, até a Geografia Crítica, que surge a partir da década de 1970 da necessidade de estudar o processo de produção do espaço como um produto da dinâmica social, sob domínio do sistema capitalista de produção, sendo uma corrente geográfica preocupada em ser crítica e atuante. No ensino, visa permitir ao estudante descobrir-se enquanto sujeito ativo na construção de sua própria história.

Estar alfabetizado em Geografia significa relacionar espaço com natureza, espaço com sociedade, isto é, perceber os aspectos econômicos, políticos e culturais, entre outros, do mundo em que vivemos. Ler e escrever em Geografia são ler o mundo de maneira em que o aluno saiba situar-se (e não só localizar-se e descrever) e posicionar-se. Que assuma um posicionamento crítico com relação às desigualdades sócioespaciais. (KAERCHER, 2004, p. 83).

Porém, a Geografia hoje, é vista por nossos estudantes como uma ciência desnecessária e desinteressante, sendo que esse conceito, muitas vezes é fruto de uma formação num viés tradicional, mecanicista de muitos professores, ou pelo uso inadequado das técnicas que deveriam auxiliar no ensino geográfico.

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) estão inseridas no contexto escolar e apresentam-se como alternativas de propostas diferenciadas onde professor e estudante interajam e de fato promovam melhorias no processo de ensino aprendizagem.

A postura do professor diante das tecnologias deve ser repensada, tornou-se uma necessidade, tendo em vista que as tecnologias digitais estão invadindo o espaço escolar de forma rápida, sendo dever do professor o aperfeiçoamento para acompanhar o processo da mesma forma com que nossos estudantes estão acostumados, pois é uma prática inerente a eles que as usam e dominam com múltiplas habilidades.

A fim de pensar essas práticas com o uso das novas tecnologias no processo de ensino aprendizagem a Escola de Educação Básica Raul Pompéia localizada no município de Campo Erê - Santa Catarina, na qual conta com aproximadamente 900 alunos, atendendo desde o Ensino Fundamental Séries Iniciais até o Ensino Médio

(Ensino Médio Geral, Ensino Médio Inovador, Ensino Médio Integrado a Educação Profissional e Magistério). Atende estudantes da cidade, além de uma parcela significativa de alunos da zona rural, sendo, portanto cada turma composta por uma alternância de alunos da cidade e do interior, estudantes com acesso a inúmeros recursos tecnológicos e estudantes que tem na escola o único espaço de acesso a essas tecnologias.

Compreendendo a realidade de nossa escola e a necessidade de propiciar aos estudantes um espaço de inclusão tecnológica, realizamos uma prática interdisciplinar com os componentes curriculares Geografia, Arte e Língua Portuguesa, junto ao 8º Ano 2 Matutino, turma que se enquadrava nessa situação de diversidade, práticas diferenciadas, fazendo uso das TDIC, principalmente por meio da captura e manipulação de imagens fotográficas para o estudo dos conceitos geográficos como Lugar e Paisagem, onde o estudante pode participar de forma ativa, relacionando e compreendendo esses conceitos a partir de suas vivências, do seu cotidiano e não apenas como simples conceitos a serem decodificados, decorados, mas sim aprendidos.

Descobrir os potenciais tecnológicos que poderão ser utilizados como formas alternativas às propostas metodológicas e a prática de ensino, foi de grande valia e trará contribuições a formação geográfica de nossos estudantes. Essas novas propostas de ensino irão contribuir na formação de indivíduos autônomos e críticos, preparados para exercer sua cidadania frente à realidade em que vivem.

Para nossas reflexões utilizamos autores como Vesentini (1998) e Pasqualotto (2006), que nos propiciaram o entendimento a cerca do surgimento do sistema educacional e ainda de como ele foi se configurando em diferentes períodos. Já Goularte (2007) e Freire (1996), nos levaram a questionamentos a cerca dos fatos que caracterizaram a ciência Geográfica como desinteressante do ponto de vista de muitos estudantes e Callai (2003), que nos levou a perceber a importância de permitir que o estudante se descubra como sujeito ativo, participante no processo de ensino aprendizagem. Com base nos estudos de Silva (2004), Seccatto (2015) e Kossoy (2002), podemos melhor compreender as questões relacionadas à fotografia no ensino dos conceitos geográficos, como uma importante ferramenta na promoção de metodologias atraentes para propiciar a percepção do espaço estudado.

2. METODOLOGIA

Conhecer o espaço geográfico que nos cerca, que é repleto de características e intenções, que está em constante transformação e ao mesmo tempo provoca transformações em cada um de nós, tornando-nos assim, indivíduos intelectualmente desenvolvidos e informados do atual contexto social em que o ser humano se encontra, produzindo o espaço geográfico no qual se organiza e se reinventa, faz-se necessário no âmbito escolar para não nos tornarmos indivíduos alienados e descontextualizados.

O ensino de geografia no atual contexto de inserções tecnológicas no cotidiano dos estudantes, que possuem múltiplas possibilidades de acesso rápido e fácil das TDIC (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação), que nasceram inseridos nesse contexto e não tem medo das tecnologias, explorando o máximo do que elas podem oferecer, exige mudanças.

O ensino a partir de um viés tradicional, se utilizando do livro didático ou com aulas expositivas onde o estudante não é entendido como sujeito no processo de ensino aprendizagem, tornou-se desmotivador e desinteressante aos olhos dos estudantes, que nasceram num período marcado pela inserção das tecnologias no ambiente escolar, e não tem medo das tecnologias, explorando o máximo do que elas podem oferecer.

Compreendendo essas necessidades educacionais a questão problematizadora que norteou essa pesquisa foi: “Quais ferramentas ou metodologias os professores devem utilizar para superar a forma tradicional de ensino, despertando interesse para o ensino de Geografia?” Diante dessa situação, o objetivo geral dessa pesquisa foi identificar as transformações ocorridas no processo histórico do ensino de Geografia e a importância da utilização das tecnologias no estudo dos principais conceitos geográficos, na Escola de Educação Básica Raul Pompéia, no município de Campo Erê, Santa Catarina. Tendo como objetivos específicos: 1º Compreender a finalidade da ciência geográfica em diferentes períodos, para superar a concepção de que a Geografia é uma ciência desnecessária e desinteressante; 2º Integrar os recursos digitais como a fotografia no estudo dos conceitos geográficos; 3º Refletir a cerca da importância do uso das tecnologias digitais como ferramenta metodológica para propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico e sua relação com a sociedade.

Para que o desenvolvimento dessa pesquisa ocorresse de forma satisfatória, buscando atingir os objetivos propostos seguimos como metodologia uma abordagem qualitativa com estudo de caso, fundamentada em referenciais teóricos a cerca do objeto

estudado, onde num primeiro momento realizamos um estudo bibliográfico buscando compreender quais caminhos foram trilhados ao longo da formação e configuração da Ciência geográfica enquanto disciplina escolar, buscando compreender quais fatos ou metodologias lhe conferiu esse caráter desinteressante no âmbito escolar, também realizamos um estudo acerca da importância de estar propiciando práticas diferenciadas, inserindo as tecnologias, nesse caso a fotografia como um recurso metodológico para estudo dos conceitos geográficos visando tornar nossas práticas mais atrativas. Num terceiro momento realizamos duas práticas interdisciplinares, tendo como recurso a fotografia para estudo dos conceitos geográficos “Lugar e Paisagem”.

A metodologia escolhida para a realização desta pesquisa foi a metodologia qualitativa com estudo de caso, de acordo com Yin (2001), se apresenta como uma estratégia de investigação que visa facilitar sua utilização por parte dos investigadores que estão preocupados em inovar e construir conhecimento no espaço escolar.

De acordo com Bogdan e Bilken (1994), os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em fenômenos descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas. Compreende-se então que nesse método, o resultado da pesquisa vai depender muito do observador, como aponta Stake (1999), nos modelos qualitativos o investigador exerce um esforço para limitar a sua função de interpretação pessoal em todas as etapas da pesquisa. Nesse caso compreendo que o pesquisador se aproxima muito do objeto de estudo, os estudantes que participaram da prática realizada, tornaram-se muito mais que alunos, passaram a ser compreendidos como pessoas com limites e possibilidades, que quando estimulados e motivados conseguem produzir e aprender com entusiasmo e prazer.

Os sujeitos envolvidos nessa pesquisa foram os 29 alunos do 8º Ano 2 Matutino da Escola de Educação Básica Raul Pompéia de Campo Erê, SC, no ano de 2015, sendo que a turma é composta por estudantes entre 12 e 16 anos, sendo que dos 29 estudantes, 12 residem na área rural de nosso município. Em geral a turma apresenta estudantes interessados e comprometidos com o processo de ensino aprendizagem e que estavam dispostos a ajudar os colegas que pudessem vir a encontrar dificuldades durante o processo.

3. AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E O ENSINO DE GEOGRAFIA DO INÍCIO DO SÉCULO XX AOS DIAS DE HOJE

Ao pensarmos a educação, e o percurso que ela vem seguindo, devemos primeiramente compreender, que ela não se explica por si mesma, mas sim, pelas transformações que ocorrem na sociedade. Dessa forma, temos que compreender o porquê, como e o que se ensina, pois essas questões vão depender da época e do lugar, onde ocorre o processo educativo. Ou seja, as necessidades educativas são determinadas pelas relações que os indivíduos estabelecem entre si e com o espaço geográfico.

A educação é ainda, compreendida ou determinada a partir das relações culturais que se estabelecem e que são definidas a partir de uma ideologia, destinada a interesses de determinado grupo social. Nesse sentido, Vesentini (1998), nos propõe refletir a educação, bem como o ensino, como possibilidades de dominação, de reprodução das relações de poder, ou então, como possibilidade de libertação, de mudanças, visando uma sociedade mais justa e democrática. Assim, tanto a educação como o ensino podem ao mesmo tempo ser instrumentos de dominação e de libertação.

Ainda de acordo com Vesentini (1998), o sistema escolar pode ser identificado como instrumento de dominação. Ao adentrarmos em sua história, averiguamos que o sistema escolar moderno surgiu na passagem do século XVIII, para o século XIX, de início em algumas sociedades europeias, depois se espalhando por quase todo o mundo, estando intimamente relacionado aos interesses capitalistas de adaptar as massas ao mercado de trabalho.

O sistema escolar moderno, não surgiu por acaso e muito menos foi pensado e iniciado a partir de baixo, dos interesses dos dominados e excluídos. Ele foi construído por cima, pelo Estado instrumentalizado pela burguesia que se tornava a classe hegemônica, seja na forma clássica do empresariado, seja na forma das burocracias de estados centralizadores. O sistema escolar, portanto, foi e ainda é funcional e até estratégico para a reprodução da sociedade capitalista ou moderna. A importância da escola na sociedade moderna, assim como a importância da educação amplo senso em qualquer sociedade, é visível. Ela instrui novas gerações (ou até velhas, como nos dias atuais com a expansão da reciclagem das pessoas e profissões), adaptando-as ou assimilando-as às instituições, hábitos e valores da sociedade. (VESENTINI, 1998, p.16).

Ou seja, o sistema escolar surgiu pela necessidade de adaptar as massas aos hábitos e valores da sociedade industrial, bem como para lhes dar uma formação técnica

necessária, para ser a mão de obra que o mercado exigia, pois, seria impossível a continuidade da sociedade capitalista sem que as pessoas soubessem contar, ler e escrever, ensinava-se para atender as necessidades capitalistas.

A proposta burguesa clássica da escola pública, universal, laica, obrigatória e gratuita, ganhou novas forças na luta pelo direito da educação para todos. A educação passa a ser concebida como um instrumento para fornecer aos indivíduos os elementos necessários à sociedade industrial. (PASQUALOTTO, 2006, p. 334)

Assim, de acordo com Pasqualotto (2006), nas sociedades onde domina o modo capitalista de produção, o ensino torna-se um instrumento importante, essencial para a justificação das relações de produção capitalista e para a transmissão dos instrumentos de dominação.

Já para Vesentini (1998), ao mesmo tempo em que essa escola é instrumento de dominação, ela é também, um instrumento de libertação, de mudanças nos indivíduos, pois contribui para desenvolver o senso crítico, para criar cidadãos com ideias próprias, que não aceitem as teorias como acabadas, mas que tenham dúvidas, que questionem a seu respeito, principalmente no que lhes diz respeito. Assim, enquanto o ensino é de fundamental importância para a reprodução do capitalismo, é ao mesmo tempo um grande agente de mudanças sociais, não sendo possível estabelecer uma fronteira nítida entre o papel da escola como reprodutora do sistema ou como agente de mudanças sociais.

Já o desenvolvimento dos estudos geográficos no Brasil ocorreu muito lentamente, sendo que no período imperial e no da Primeira República os geógrafos se dedicavam mais em fazer estudos descritivos, levantamentos estatísticos, além de produzirem alguns Atlas Históricos Geográficos.

No Brasil, somente a partir de 1930 houve a formação de uma Geografia com caráter científico, quando foram criadas as primeiras faculdades de Filosofia, Ciências e Letras e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), A partir desse momento, com a criação de cursos superiores de Geografia e História, nas Faculdades de Filosofia, a Geografia passa a ser lecionada em Instituições de ensino superior, ainda não tendo como objetivo a formação do profissional geógrafo, mas sim, professores para atuarem no Ensino Médio.

[...] esta institucionalização da Geografia no Brasil se constituiu após a revolução de trinta, quando a burguesia e a classe média urbana passaram a ter maior influência sobre o governo e atenuar o poder da burguesia agrário-exportadora, e neste contexto histórico do Brasil instaura-se com os estudos geográficos, sendo como uma necessidade à organização e implantação da nova política no espaço geográfico. (ANDRADE, 1987, p. 81)

O ensino de Geografia nesse período estava subordinado aos interesses da nação, ou seja, foi se construindo de acordo com o pensamento da classe dominante, presente na sociedade e, por muito tempo serviu aos interesses do Estado, comprometido com o grande capital. Tinha a função de descrever os elementos naturais presentes em cada região brasileira, que em seguida se transformavam em programas de ensino de Geografia, tinha o aspecto decorativo, conteudista e enciclopedista, focado na descrição do espaço. Assim, tinha como principal objetivo, difundir uma ideologia patriota e nacionalista, para tanto, em sala de aula estava mais direcionada à questão do território, com a elaboração de mapas, descrição do território, da paisagem e dos recursos naturais, ou seja, uma ciência meramente descritiva.

Com a separação dos cursos de História e Geografia, a partir de 1955, que se tem como objetivo aumentar a importância na análise do meio físico, surgindo daí um grande número de disciplinas auxiliares como a Geologia, Estatística e a Cartografia, entre outras, que permitem que haja um maior conhecimento, em relação ao conteúdo geográfico. Também ocorre nesse período a separação entre a Geografia Física e a Humana.

Essa Geografia que surge, segundo os PCN's (1998), era marcada pelo positivismo que sustentava quase todas as chamadas ciências humanas, que surgiram nessa época nas faculdades brasileiras.

Com fortes tendências de estudos regionais, os estudos geográficos pautavam-se pela busca de explicações objetivas e quantitativas da realidade, fundamentos da escola francesa de então. Foi essa escola que imprimiu ao pensamento geográfico o mito da ciência asséptica, não-politizada, com o argumento da neutralidade do discurso científico. Tinha como meta abordar as relações do homem com a natureza, de forma objetiva, elaborar monografias regionais para uma possível busca de leis gerais que explicassem suas diferenças. É importante lembrar que para La Blache, a Geografia não era a ciência dos homens, mas, dos lugares. (PCN, 1998, p. 19).

A Geografia ensinada nas escolas nesse período era apenas uma ciência descritiva, e segundo os PCN's, essa Geografia Tradicional, visava o estudo das populações e dos homens, como coisas objetivas, na qual a sociedade e o espaço emergiam das ações humanas, desprovidas de quaisquer intencionalidades ou ideologias.

No ensino, essa Geografia se traduziu (e muitas vezes ainda se traduz), pelo estudo descritivo das paisagens naturais e humanizadas de forma dissociada dos sentimentos dos homens pelo espaço, os procedimentos didáticos adotados promoviam principalmente a descrição e a memorização dos elementos que compõem as paisagens como dimensão observável do território e do lugar. Os alunos eram orientados a descrever, relacionar os fatos naturais e sociais, fazer analogias entre eles e elaborar suas generalizações ou sínteses. Explicá-las sim, porém evitando qualquer forma de compreensão ou subjetividade que confundisse o observador com o objeto da análise. Pretendia-se ensinar uma Geografia neutra. (PCN, 1998, p. 21).

Posteriormente, com a urbanização, além dos aspectos físicos e naturais os aspectos econômicos e sociais passaram a ser contemplados nas matrizes curriculares, porém, estudados individualmente e sem contextualização, sendo um dos fatores que torna essa ciência desestimulante, que contribuiu para o caráter desinteressante da Geografia.

A partir de 1970, surge um movimento de renovação da Geografia, onde os geógrafos passam a questionar e criticar a Geografia Tradicional. Começa então a haver mudanças no ensino de Geografia, pois esta, não consegue mais explicar as transformações sociais que vêm ocorrendo nesse período. Surge a necessidade de se estudar o processo de produção do espaço, não como algo natural, despolitizado, mas, como um produto da dinâmica social, sob o domínio do sistema capitalista de produção. Assim, surge a preocupação com as relações entre a sociedade, o trabalho e a natureza na produção e apropriação dos lugares e territórios, onde a Geografia tem um papel de destaque na busca de sua compreensão.

Podemos constatar nos PCN's de 1998:

Os geógrafos procuraram estudar a sociedade mediante as relações de trabalho e da apropriação humana da natureza para produzir e distribuir os bens necessários às condições materiais que a garante. Criticou-se a Geografia Tradicional, que naturalizava a ação do Estado e das classes sociais dominantes, propondo uma Geografia das denúncias e lutas sociais. Em um processo quase militante de

importantes geógrafos brasileiros, difunde-se a Geografia Marxista. (PCN, 1998, p.22).

Essa nova perspectiva considerava que não bastava explicar o mundo, era preciso transformá-lo. Tinha como função contestar o pensamento dominante e a intenção de participar de um processo de transformação da sociedade, ou seja, é uma corrente geográfica preocupada em ser crítica e atuante.

A Geografia Crítica deu novas interpretações aos conceitos e ao objeto de estudo, trazendo as questões econômicas, sociais e políticas como fundamentais para a compreensão do espaço geográfico, ou seja, a análise geográfica é um instrumento de libertação do homem.

Trata-se de uma Geografia que concebe o espaço geográfico como espaço social, construído, pleno de lutas e conflitos sociais. Ela critica a Geografia moderna no sentido dialético do termo crítica: superação com subsunção, e compreensão do papel histórico daquilo que é criticado. Essa Geografia radical ou crítica coloca-se como ciência social, mais estuda também a natureza enquanto recurso apropriado pelos homens e enquanto uma dimensão da história da política. No ensino, ela preocupa-se com o senso crítico do educando e não em “arrolar fatos” para que ele memorize. (VESENTINI, 1994, p. 36).

Pensar o espaço, passou a ser o método daqueles geógrafos que, até então estavam vendados, repassando informações equivocadas e distorcidas referentes a realidade socioespacial, pensar um espaço construído a partir de relações dos homens entre si e destes com o espaço em que vivem.

Conforme Vesentini (1994), o conhecimento que se quer alcançar no ensino, a partir da perspectiva de uma Geografia crítica, está focalizada no meio onde professores e estudantes estão situados, sendo necessário integrar o estudantes a esse meio e deixá-lo descobrir-se enquanto sujeito na história.

Só a partir de 1970 houve uma renovação no ensino, quando esse passou a ser abordado a partir de uma perspectiva crítica, na qual se estuda o homem em relação com o meio, sendo o homem, um agente de transformação.

Porém, essa Geografia transformadora, chegou nas escolas apenas de forma parcial, com a ação de alguns professores e na tentativa dos livros didáticos em pensar a Geografia Crítica, com inúmeras ressalvas, sendo ainda uma utopia, ou seja, a Geografia tradicional, descritiva, dita neutra continuou a ser predominante nos currículos

escolares, presente até o momento de forma que, ainda reproduz, em muitos casos, os interesses do capital.

Ou seja, embora nos últimos anos, muitos professores afirmam que a prática educacional não é mais Tradicional, que se quer formar um cidadão mais crítico, como consta na maioria dos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas, na verdade não é o que ocorre.

No Projeto Político Pedagógico da Escola de Educação Básica Raul Pompéia que está localizada no município de Campo Erê, SC, propõe-se que o ensino seja uma forma de transformação humana, como uma oportunidade de preparar os estudantes para a vida em sociedade.

Para isso acontecer em nossa prática educativa, precisamos pôr a disposição dos alunos (as) e de todos os envolvidos neste processo nobre que é o ensinar/aprender, todos os conhecimentos que adquirimos, sejam pelas experiências, vividas, leituras sistemáticas e/ou interações com os demais seres, sejam eles vivos ou não. E mais, precisamos, ter a humildade de recebermos as críticas necessárias para o nosso melhoramento bio-psico-social (PPP Escola de Educação Básica Raul Pompéia, 2015, p. 1–2).

Porém durante as práticas diárias, muitas vezes pouco se contribui para que de fato essa mudança ocorra. De acordo com Bomfim (2006, p. 107), “nas escolas do Brasil e do mundo, percebe-se que o ensino de Geografia mantém, ainda, uma prática tradicional, enraizada no positivismo, tanto no Ensino Fundamental quanto no Médio”.

Para Almeida (2014):

Justificando assim, os métodos mais utilizados dentro da geografia tradicional ainda hoje são o da “decoreba”, aquele em que o professor (a) enche a lousa de conteúdo para que o aluno copie e decore antes da avaliação, outro método é o da aula expositiva, no qual o professor (a) apenas fala da matéria sem condicionar o aluno a questionar a sua própria realidade e inseri-lo dentro do seu cotidiano. (ALMEIDA2014, p.3).

Esse fato refletirá, uma Geografia meramente descritiva, com base na memorização, em sala de aula, que visa a transmissão de conteúdos neutros, que mascaram as determinações e contradições do espaço.

No atual contexto em que estamos vivendo, onde estamos cada vez mais conectados, utilizando cada vez mais tecnologias em nossas ações cotidianas, e que estão apresentando consequências importantes também no ambiente escolar, faz-se necessário superar essa base histórica em que o ensino de Geografia foi sendo

construído, como uma ciência separada, descontextualizada, além das causas e situações sociais.

4. A GEOGRAFIA QUE NÃO ATRAI E NÃO DESPERTA INTERESSE PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

O ensino de Geografia vem passando por períodos de reflexões sobre as suas práticas de acordo com o contexto socioeconômico, onde a metodologia utilizada em sala precisa ser revista, sendo necessário tentativas de transformação. Tornou-se uma disciplina desinteressante, que não atrai a atenção dos estudantes. Várias são as questões que envolvem o assunto e vários são os estudos referentes ao mesmo. Que caminhos o professor e a escola podem trilhar para os que os estudantes compreendam o espaço geográfico e ampliem sua visão de mundo, mas de forma dinâmica e com aprendizagem?

O que ensinar em Geografia? Como ensinar Geografia? Que ferramentas devemos usar para cativar nossos estudantes, para que nossas aulas despertem o seu interesse? Estamos no século XXI, e questões como essas ainda nos enchem de dúvidas.

Segundo Kaercher (2002), a Geografia Crítica, não chegou às escolas, ou se chegou, foi apenas trocando “rótulos por slogans”, mas na essência continua a produzir verdades cristalizadas, mantendo a Geografia distante da realidade, do cotidiano dos estudantes. Observa-se que em geral, ainda predominam aulas meramente informativas, desvinculadas da realidade dos estudantes, aulas desinteressantes, ou seja, mera atualização informativa.

No século XXI, tempo de novas tecnologias da informação, de sofisticação dos equipamentos e de rapidez de contatos e disseminação de conhecimentos as transformações são muito mais velozes. Mesmo assim ainda se ensina a partir de propostas prontas desconhecendo a dinamicidade do conhecimento. Ainda há verdades absolutas e listas de conteúdos a serem repassadas aos alunos. Afinal que escola é essa que ignora o movimento do mundo, especialmente o que caracteriza esse milênio, o surgimento das novas teorias científicas, as rápidas transformações e variedade e quantidade de meios que produzem informações, bem como as novas formas de considerar os processos identitários dos sujeitos. (GOULART, 2007, p.02).

Compreendemos que as tecnologias estão presentes no ambiente escolar, bem como nas aulas de Geografia, porém, essas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) não devem ser utilizadas como meras ferramentas, apenas para transmitir informações prontas, pois dessa forma, apresenta-se apenas como reprodutor de um conhecimento já pronto, acabado.

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) devem ser uma forma de construção de experiências coletivas onde mais do que uma ferramenta, devem propiciar que tanto o professor como o estudante interajam e discutam possíveis mudanças no percurso do processo, propiciando melhorias na aprendizagem.

Pois, segundo Pontuschka (2002), o processo de mudança no ensino de Geografia em sala de aula está sendo lento. Segundo ela, várias pesquisas realizadas com professores, mostram que eles atribuem a impossibilidade de mudanças às precárias condições de trabalho oferecidas pelo Estado, para as escolas públicas; às constantes organizações que impedem a formação de equipes de reflexão e ainda a existência de docentes formados em outras áreas lecionando Geografia, bem como a inexistência das ferramentas necessárias para atender a demanda escolar na totalidade e que os estudantes estão habituados e familiarizados em suas atividades cotidianas.

As tecnologias já estão inseridas no cotidiano dos estudantes, que já chegam à escola com familiaridade com as ferramentas e sentem a necessidade de utilização, portanto, a utilização das mesmas aproxima as gerações de hoje ao ambiente escolar. Mas, nem sempre são possíveis resultados favoráveis, pois, em inúmeras vezes as tecnologias não estão disponíveis, tendo apenas um laboratório para toda a escola, uma internet que não atende as demandas em inúmeros casos, o que dificulta a realização de algumas atividades e vai desmotivando o planejamento de práticas que terão a necessidade do uso dessas tecnologias.

A Geografia é parte desse cenário escolar. Continua sendo apresentada aos alunos de forma maçante, fragmentada e sem sentido. São longos textos, propostas de trabalho cansativas, objetivos inadequados, planejamentos e conteúdos desarticulados entre si, atividades desconectadas do mundo vivido. Deixam de ser contemplados o interesse dos aprendentes, o seu cotidiano, as suas experiências e os seus conhecimentos. As aulas se tornam mecânicas, há uma inércia que parece atingir os alunos e os professores. (GOULART, 2007, p.02).

Em muitos casos, as aulas de Geografia ocorrem através de negociações, onde o professor troca conhecimentos geográficos por uma nota, sendo apenas uma disciplina, que compõe o currículo, obrigatória e desconectada da realidade dos estudantes.

Para Paulo Freire,

A nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, sugere ou, mais do que isso, implica a nossa habilidade de apreender a

substantividade do objeto aprendido. A memorização mecânica do perfil do objeto não é aprendizado verdadeiro do objeto ou do conteúdo. Neste caso, o aprendiz funciona muito mais como paciente da transferência do objeto ou do conteúdo do que como sujeito crítico, epistemologicamente curioso, que constrói o conhecimento do objeto ou participa de sua construção. É precisamente por causa desta habilidade de apreender a substantividade do objeto que nos é possível reconstruir um mau aprendizado, o em que o aprendiz foi puro paciente da transferência do conhecimento feita pelo educador. (FREIRE, 1996, p.77).

Nota-se assim, a necessidade de superar a realidade do professor detentor do conhecimento geográfico, que repassa as informações, ou, o conhecimento acabado, e o estudante, apenas o recebe, sem questionamento, como herança de um Ensino Tradicional. Sendo assim, se tem a impressão que não há o compromisso por parte dos estudantes de uma livre aprendizagem geográfica, pois, se estabelece uma relação de mercado, onde o conteúdo é a mercadoria e o estudante, o cliente, que adquire a mercadoria (conteúdo).

Ao ensinar Geografia, o professor deve dar oportunidade ao estudante de ser ativo no processo de construção do conhecimento, e isso só ocorrerá a partir do momento que professor e estudante falarem uma mesma linguagem e utilizarem as ferramentas apropriadas neste contexto histórico. O professor deve não somente expor o conteúdo, pois somente isso é desnecessário, tornou-se desinteressante aos nossos estudantes, mas ser o coordenador das atividades a serem realizadas pelos mesmos, pois a função atual do professor mudou, não somos a única fonte de informações, portanto, não podemos mais apenas repassar conteúdos para sujeitos passivos, receptores, mas sim, devemos coordenar, direcionar os estudos para atingir um determinado objetivo.

Os professores deixam de ser transmissores de informações-fragmentadas, descontextualizadas, portanto desprovida da totalidade significativa que permite a leitura do espaço. Os alunos não são mais meros espectadores passivos daquilo que o professor considera como significativo. Agora trabalham em conjunto. (GOULART, 2007, p. 05).

Para que isso ocorra, devemos partir da realidade do estudante, o ponto de partida deve ser o conhecimento que o mesmo traz a partir de suas vivências, ou do senso comum, para organizar, ou sistematizar um conhecimento científico, buscando para isso, a utilização de diferentes ferramentas tecnológicas que vão auxiliar para a melhor compreensão do conteúdo estudado, pois com atividades dinâmicas que estejam

voltadas a realidade dos estudantes, os conteúdos geográficos conseguem realmente ser apreendidos.

Para Callai (2003, p. 57),

a geografia que o aluno estuda deve permitir que ele perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e que estão inseridos num processo de desenvolvimento.

Ter contato com experiências de aprendizagem em rede por exemplo, apresenta-se como um ponto positivo para o processo de ensino aprendizagem, pois, propicia uma troca de experiências de diferentes metodologias que deram certo e que se adaptadas aos conteúdos propostos poderá apresentar bons resultados. Porém utilizar as tecnologias somente por utilizar, sem um objetivo claro, será tão ineficaz quanto um discurso de horas na frente dos estudantes. As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, só serão úteis nas nossas aulas se servirem para instigar a aprendizagem e não como ferramentas descontextualizadas de nossos objetivos.

5. O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA COMUNICAÇÃO E DA INFORMAÇÃO COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA PARA DESPERTAR INTERESSE AO ENSINO DE GEOGRAFIA

Compreendendo a importância de um olhar diferenciado ao ensino, percebi a necessidade de propiciar formas alternativas de cativar os estudantes, buscando despertar interesse pelo contexto escolar.

As TDIC estão presentes no cotidiano de nossos estudantes, sendo visível a familiaridade dos mesmos com essas tecnologias, que apresentam um grande potencial de aprendizagem por meio de atividades direcionadas que poderá ser o meio possível para a transformação dos conteúdos curriculares que muitas vezes apresentam-se desvinculados da realidade, em conhecimento significativo, presente na vivência de cada estudante, que demonstram interesse em desenvolver atividades utilizando essas ferramentas.

5.1 A integração das TDIC (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) ao currículo

O currículo é a forma como a escola se organiza para atingir um objetivo, ou, para formar o cidadão que deseja. É a lista de conteúdos de determinado curso, o conjunto de conhecimentos dentro de cada disciplina, que norteará a prática pedagógica na escola, orientando as atividades educativas, bem como a forma de realizá-las e o porquê de sua realização, auxiliará no bom andamento da escola e na elaboração dos planos de aula pelo professor.

Deverá difundir valores, deveres e direitos que o estudante deverá apropriar-se em cada etapa escolar, sendo composta também por temas transversais como: cultura afrodescendente, sexualidade, meio ambiente entre outras, sendo assim, as atividades por meio do qual o processo de aprendizagem ocorre.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), nos mostra que,

Diante disso optou-se por integrá-las no currículo por meio do que se chama de transversalidade: pretende-se que esses temas integrem as áreas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas, relacionando-as às questões da atualidade e que sejam orientadores também do convívio escolar. (BRASIL, 1998, p. 27).

É, portanto, uma prática cotidiana na escola, estando presente tanto na teoria quanto na prática, sendo muito importante o planejamento de cada ação executada bem como a relação com a realidade de cada estudante que muitas vezes apresentará necessidades específicas.

Em nossa prática docente no contexto atual, devemos ter claro que o uso das TDIC, integradas ao currículo faz-se extremamente necessário, mas, dependerá de uma série de mudanças tanto na postura do professor que deve estar disposto a se adequar as mudanças e a realidade que se apresenta, como aos governantes que devem viabilizar a sua realização, dando o suporte técnico e os equipamentos necessários. Para tanto, essa integração irá apresentar-se com alguns desafios.

Como nos aponta Menezes (2014):

Desta forma, são os alunos, descendentes da cultura digital, que adentram com os artefatos tecnológicos nos espaços da escola e a integração das TDIC e das mídias digitais ao currículo torna-se um desafio para professores e gestores. A integração das tecnologias na escola não é um processo simples, mas sim um desafio constante, que demanda tempo, formação e interesse dos gestores e professores em integrá-las ao currículo, de forma inovadora e construtivista. (MENEZES, 2014 p.392)

Nota-se assim, a importância de trabalhar o Currículo integrado com as TDIC nas escolas públicas de forma a propiciar uma educação de qualidade para todos, aonde a proposta pedagógica vá ao encontro das necessidades dos sujeitos envolvidos no processo, e que de fato atinja a todos e não se torne mais uma forma de exclusão daqueles que não tem acesso a essas tecnologias.

Outro desafio que se apresenta ao se tentar integrar as tecnologias ao currículo é que as escolas públicas em muitos casos, não têm toda a infraestrutura necessária para atender as demandas tecnológicas dos dias de hoje, e das necessidades de nossos estudantes, porém, isso não impede que essas tecnologias adentrem o espaço escolar através do celular móvel, dos tablets, notebooks, entre outros, que estão de posse de grande parte de nossos estudantes e que são cotidianamente utilizados por eles, porém, dessa forma, sem as devidas intervenções que se fazem necessárias pelo professor, mediador, que administrará a produção do conhecimento no espaço escolar, muito pouco é aproveitado e essas tecnologias não estarão integradas ao currículo.

Assim, para Menezes, 2014:

Para a criação e produção de conhecimentos com o uso das TDIC, o aluno deve estar envolvido neste processo de forma autônoma, relacionando seus interesses e assuntos de seu cotidiano. Caso contrário, a tecnologia não se torna produtiva, pois perde seu caráter de auxiliar a aprendizagem e seu uso torna-se apenas entretenimento para o aluno. (Menezes, 2014, p.397).

Para que a produção de conhecimento seja realmente efetivada, o professor precisa primeiramente dominar a tecnologia, deve estar disposto a constante atualização, mas, acima de tudo precisa integrar a tecnologia utilizando-a como forma de aprendizagem que possa ser trabalhada de forma interdisciplinar, como parte do processo e não como uma ferramenta separada, desvinculada da realidade escolar. Carvalho (2004, p.144) relata que: “O equipamento não deve (e não vai) se constituir em um substituto do professor e sim um meio tecnológico capaz de contribuir para a construção do conhecimento por parte do aluno e do próprio professor”.

Portanto as novas tecnologias não vão de forma alguma substituir o professor dentro da sala de aula, pois essas tecnologias é um instrumento da utilizado pelo professor e que “a primeira etapa para a mudança da inserção desta tecnologia seria a especialização do professor frente a esse recurso didático” (CARVALHO, 2004, p. 145).

Assim, um professor bem preparado poderá fazer uso das TDIC, de forma que as mesmas possibilitarão a exploração e a articulação de informações disponíveis em inúmeras fontes, vista sob diferentes perspectivas, e múltiplas linguagens, como o uso de sons, imagens, cores e animações que deverão ser apropriadas pelo professor para a construção do conhecimento, mas, que não sejam apenas a substituição ou reprodução do quadro e do giz, não produzindo as reais mudanças que se fazem necessárias.

O uso dessas ferramentas é importante para trabalhar em sala de aula, pois auxilia o professor nos conteúdos e o aluno a compreender de uma forma mais clara e dinâmica a realidade em que ele esta inserida e que, essas tecnologias seja por celular, televisão ou computadores vieram para ficar e as escolas e os professores têm que estar preparado, inserindo essas diversas ferramentas na aula, não apenas de geografia, mas também nas outras disciplinas escolares. (ALMEIDA, 2014, p. 2).

Assim, de acordo com Almeida, 2014, o professor irá propor situações favoráveis de aprendizagem e o estudante será o sujeito ativo do processo. Ao

trabalhar com tecnologias integradas ao currículo o professor deve estar constantemente avaliando sua prática de forma crítica e estar disposto a se atualizar e modificá-la ou corrigi-la, quando se fizer necessário, construindo junto com o estudante, nascido nessa era digital e que tem muito a contribuir nesse processo conjunto de produção de conhecimento.

Como afirma Menezes, (2014, p. 394) “Desta forma, o aprendizado torna-se mais atrativo para o aluno, pois ele faz parte disso, através de uma interação com seus colegas, professores, conteúdos e tecnologia, deixando de ser um mero receptor de informação”. Ou seja, a integração das tecnologias ao currículo, deverá permitir mudanças no ambiente escolar visando a participação do estudante no processo, facilitado pela presença das TDIC.

Apesar das dificuldades apresentadas para que de fato ocorra a integração entre currículo e tecnologia, não há como questionar, tão pouco negar a sua importância, desde que com objetivos claros, com a intenção de aprendizagem.

O ambiente escolar é um espaço de múltiplos conhecimentos, de estudantes diferentes, que assimilarão esse conhecimento de forma diferente, para tanto, nós educadores não devemos ter uma única metodologia para uma classe tão diversificada e inserida num ambiente repleto de novidades e inovações, dessa forma devemos nos adequar as diferentes possibilidades que nos são oferecidas para tornar nossas práticas inovadoras, produtivas e atrativas.

5.2. O uso das Tecnologias Digitais da Comunicação e da Informação como ferramenta metodológica para despertar interesse ao Ensino de Geografia

O uso das tecnologias no âmbito escolar tem sido significativas de acordo com o acesso as diferentes informações, culturas e comunicação norteada pelas mesmas, o que vem resultando em uma melhor qualidade e desempenho no ensino aprendizagem, pois o estudante deixa de ser um mero receptor de uma verdade pronta e atua de forma ativa nesse processo, enquanto, o educador assume o papel provocador do desejo de aprender com as diversidades e deixa de ser somente o interlocutor.

Segundo Gomes e Archela (2010):

Assim, como enquanto educadores poderemos contribuir para que o ensino de geografia seja significativo, isto é, que o ensino possa além

de despertar o senso crítico e atuante dos alunos, utilizar as tecnologias digitais como ferramentas e mecanismo de conscientização, ensino e aprendizagem da Geografia.(ARCHELA e GOMES, 2010, p.71).

A inserção das mídias no contexto escolar tornou-se necessária, pois como nos aponta Gomes e Archela (2010):

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PNC) reforçam a importância do uso de novas tecnologias, ressaltando que neste documento a geografia é uma área inserida nas “Ciências Humanas e suas Tecnologias”, ou ainda que entre os critérios de avaliação aí previstos, constam à leitura, análise e interpretação de diferentes linguagens geográficas. (GOMES e ARCHELA, 2010, p. 73).

Compreendemos assim, que os estudantes de hoje, já chegam à escola com conhecimentos significativos quanto ao uso das TDIC, que por vezes coube aos educadores, equipe pedagógica e gestores escolares aderir e as integrar em nossas práticas. Exemplos disso é o uso de data show, lousa digital, aulas projetadas, pesquisas e simulados em rede, uso das redes sociais, aulas diversificadas com a utilização das diferentes mídias disponíveis na escola. Faz-se necessário ao educador estar consciente de que deverá constantemente estar se capacitando para a utilização dessas diferentes tecnologias, tendo em vista que a demanda dessas ferramentas será cada vez maior.

Pois, as tecnologias fazem parte da rotina de nossos estudantes, alguns possuem acesso de forma mais intensa do que outros, mas, todos já nasceram na era das tecnologias e fazem uso delas, diferente de nós educadores que fomos inseridos nesse contexto, muitas vezes despreparados, com medos e angústias, pois não fomos educados dessa forma, somos fruto do ensino tradicional. Mas, temos que pensar e aprender (tarefa difícil), a propiciar aos nossos estudantes durante nossas práticas o uso de tecnologias em rede, de forma produtiva, direcionada a um objetivo específico, para que toda essa informação disponível, e que não fui eu (docente), que “repassei”, mas sim medie o processo transformando em conhecimento que lhe possa ser útil.

Desta forma, podem-se vincular as tecnologias aos conteúdos de geografia para que os alunos despertem um maior interesse, tornando assim, uma aula diferenciada no qual o aluno será inserido na sua realidade de forma a contribuir para um melhor resultado de aprendizagem... (ALMEIDA, 2014, p. 6)

Sabemos que, movidos pela curiosidade, pelo desejo de aprender, a aprendizagem irá se tornar mais significativa, portanto devemos ensinar nessa perspectiva despertando o gosto, o interesse pelo saber e o senso crítico. Nesse sentido, os recursos tecnológicos vêm nos auxiliar, como uma importante ferramenta facilitadora e atraente.

5.3. A utilização da fotografia como ferramenta metodológica para o ensino de Geografia

Ao ensinarmos Geografia, percebemos a constante necessidade de propiciarmos alternativas para que o estudante compreenda o espaço que o cerca e no qual participa de forma ativa para a sua transformação.

Para melhorar o processo de ensino aprendizagem, o educador deve estar constantemente atualizando e melhorando suas práticas, buscando utilizar as inúmeras linguagens existentes, principalmente a linguagem visual como a fotografia que nos permite a compreensão da realidade que nos cerca.

As imagens fotográficas possibilitam o desenvolvimento de noções e conceitos sobre o espaço geográfico, tornando-se de fundamental importância no processo de comunicação e produção do conhecimento da ciência geográfica. A fotografia quando utilizada como linguagem no ensino de Geografia possibilita o enriquecimento das aulas por meio do desenvolvimento de habilidades e raciocínios potencializadores no processo de ensino/aprendizagem. (SECCATTO, 2015, P.12).

A fotografia apresenta-se como uma possibilidade de estudo propiciando uma maior observação e percepção do espaço estudado, conforme Silva (2004),

[...] uma fotografia bem trabalhada pode levar o aluno a refletir sobre suas atitudes e a realidade em que está vivendo, possibilitando o interesse em estar descobrindo e entendendo mais profundamente a imagem fotográfica, observando, e, conseqüentemente tomar posturas e atitudes diferentes. (SILVA, 2004, p. 76).

A utilização da fotografia para o ensino da ciência geográfica, possibilita a compreensão e interpretação do espaço que cerca os estudantes, portanto, o professor deve propiciar o uso dessas imagens como recurso metodológico que propiciará melhorias na aprendizagem.

As mudanças tecnológicas terão um impacto cada vez maior na educação escolar e na vida cotidiana. Os professores não podem mais ignorar a televisão, o vídeo, o cinema, o computador, o telefone, o fax, que são veículos de informação, de comunicação, de aprendizagem, de lazer, porque há tempos o professor e o livro didático deixaram de ser as únicas fontes do conhecimento. (LIBÂNEO, 2002, p. 40).

A fotografia apresenta-se como uma possibilidade de compreensão do espaço, pois, por meio dela é possível observar as transformações que nele ocorrem, por meio da observação de fotografias do mesmo lugar em diferentes períodos.

Para Kosoy (2002), a fotografia possibilita por meio das imagens representadas uma viagem ao passado, apresentando a realidade de uma época que não existe mais, ou seja, a fotografia é uma fonte histórica.

Ao educador cabe alertar e educar os estudantes para que possam realizar uma análise crítica das fotografias que estão cada vez mais presentes no dia a dia pelos mais diversos veículos de informação.

O surgimento das diversas tecnologias de produção de imagens intensificou a circulação de imagens fotográficas nos diversos veículos midiáticos. Especificamente na mídia eletrônica, as informações e as imagens são veiculadas com grande velocidade exigindo que os indivíduos saibam a melhor maneira de lidar com elas, em outras palavras, que saibam decodificá-las e interpretá-las. Nesse contexto, as imagens fotográficas assumem fundamental importância por se fazerem presentes cada vez mais na vida da sociedade. Porém, temos que estar atentos para não sermos reprodutores de ideologias, pois com a grande velocidade de veiculação de informações frequentemente utilizam-se das imagens fotográficas para manipular a opinião pública, podendo exercer o papel de alienação nos indivíduos. (SECCATTO, 2015, p.19).

Percebe-se assim, a importância de analisar as imagens apresentadas e que possuem um grande potencial para que o mundo em constante transformação possa ser compreendido, mas não uma compreensão de faz de conta, onde se aceite tudo como verdades, sem questionamentos, pois assim, em vez de ser uma ferramenta de ensino, torna-se um instrumento de alienação dos indivíduos, que cada vez mais são adeptos de valores consumistas e superficiais.

As diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para a veiculação das idéias e a conseqüente formação e manipulação da opinião pública, particularmente a partir do momento em que os avanços tecnológicos

da indústria gráfica possibilitaram a multiplicação massiva de imagens através dos meios de informação e divulgação. (KOSSOY, 2002, p.20).

Diante disso, a partir de cada imagem fotográfica a ser utilizada durante nossas práticas educativas, devemos refletir e questionar as intenções e significados presentes em cada uma, para não nos tornarmos apenas reprodutores de estereótipos, despidos de senso crítico e opiniões próprias.

O estudo da paisagem por meio da fotografia nos permite realizar uma reflexão, das alterações e ações humanas sobre determinado lugar. De acordo com Torrezani (2015, p. 18), “Paisagem é tudo que vemos em determinado lugar, em dado momento. Algumas características das paisagens também são percebidas por meio de sons, odores e movimentos”

O estudo do espaço geográfico por meio da paisagem, nesse caso por meio da fotografia, pode ser uma ferramenta muito importante para compreender as transformações espaciais em decorrência das atividades humanas na natureza, que transforma uma paisagem natural, em uma paisagem cultural, repleta de diferentes elementos humanos, sociais, culturais e até mesmos econômicos, compreendendo que a paisagem é modificada, adaptada conforme as necessidades humanas.

O estudo espacial, referente a paisagem se torna aos nossos estudantes bem mais interessante tendo em vista a possibilidade de comparar fotografias do mesmo espaço em diferentes tempos, associando ainda a essas imagens conversas e depoimentos de pessoas que “captaram” essa imagem (vivenciaram esses espaços em diferentes períodos) de diferentes maneiras, com diferentes interferências.

6. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA RAUL POMPÉIA¹ COMO EXEMPLO DE INTEGRAÇÃO DAS TDIC AO CURRÍCULO

Na sequência do trabalho, apresentaremos uma prática didática desenvolvida de forma interdisciplinar e com a aplicação das TDIC.

6.1. ATIVIDADE 1: O estudo do conceito geográfico “Lugar” por meio da fotografia

Compreendendo a importância da utilização da fotografia como recurso para a compreensão espacial, bem como para o entendimento dos conceitos paisagem e lugar, realizamos no decorrer da Especialização em Cultura Digital, algumas atividades buscando compreender e comprovar na prática o que até então tínhamos apenas vivenciado em teorias, utilizando as tecnologias integradas ao currículo, por meio da captura e manipulação de imagens fotográficas.

No projeto realizado interdisciplinarmente entre os componentes curriculares Geografia, Arte e Língua Portuguesa elaboramos uma sequência didática onde somente após a conclusão das etapas das três disciplinas o conteúdo realmente se tornou significativo aos estudantes, pois foi abordado em diferentes aspectos.

Após chegar a um consenso entre as professoras do curso “Cultura Digital” do tema (conceito de lugar) a ser estudado e traçado algumas estratégias, as atividades iniciaram-se a partir do esboço do projeto.

Primeiramente na disciplina de Geografia, fizemos o estudo do conceito Lugar, onde por meio de debates identificamos as características que tornam um ou outro espaço um lugar para cada estudante. Nessa etapa cada estudante pode revelar os aspectos afetivos e sentimentais que mantém com determinados lugares. Puderam ainda identificar que alguns lugares (como a Praça do Fórum ou da Igreja Matriz da cidade de Campo Erê), são lugares comuns a alguns estudantes que manifestaram sentimento de pertencimento a esses espaços.

¹ A E.E.B.R.P está localizada no município de Campo Erê, atende aproximadamente 900 alunos do Ensino Fundamental, Séries Iniciais ao Ensino Médio. Conta com um quadro de aproximadamente 70 docentes.

O debate seguiu após ouvir a Música “Brasis” de Seu Jorge que trata das diferenças entre os lugares do Brasil, relacionando com a nossa realidade. O uso da música tornou a aula mais dinâmica e atrativa, tendo em vista que saiu da rotina, do método tradicional e na contextualização pode exemplificar a diferença existente entre os diferentes lugares. Na discussão conseguimos fazer um resgate dos valores dos aspectos positivos presentes também no espaço rural e não somente no espaço urbano.

No momento seguinte após o conceito “Lugar” estar internalizado, passamos a fazer os encaminhamentos para a realização da atividade prática com as fotografias. Para tanto, fez-se necessário um levantamento em sala se todos os envolvidos possuíam celular ou câmera e internet em casa para enviar as imagens. Nesse momento pode-se constatar que alguns estudantes não dispunham dos meios necessários. Sendo, portanto, preciso dividir a sala em grupos para integrar ou incluir os alunos que não poderiam realizar a atividade.

Dessa forma, alguns estudantes que não tem celular e internet em casa com a ajuda da segunda professora da sala que acompanha um estudante especial, capturaram as imagens na escola, com celulares emprestados dos colegas e na sala de informática da escola enviaram as imagens.

Os estudantes que não tem acesso internet em casa demonstraram interesse em se cadastrar na rede social Facebook, pois foi a ferramenta utilizada para o envio das imagens capturadas pelos estudantes para posterior manipulação, durante as aulas de Artes. Ficou então combinado que estes, com a ajuda das professoras fariam seus cadastros para acompanhar as atividades desenvolvidas durante o processo de construção do conhecimento, sendo, portanto uma forma encontrada para a inclusão desses estudantes ao processo.

As imagens capturadas são de espaços geográficos conhecidos por nossos estudantes, são espaços públicos e de residências de nossos alunos no município de Campo Erê, Santa Catarina, trata-se de espaços ou paisagens onde eles convivem, lugares familiares e que muitas vezes passam despercebidos a seus olhares, que na rotina não conseguem identificar sua beleza, o que foi realçada pela fotografia.

As fotografias foram tiradas pelos 29 estudantes do 8º ano 2, do período matutino, da Escola de Educação Básica Raul Pompéia, no ano de 2015, que os fizeram para a realização da atividade interdisciplinar proposta pelas disciplinas de Geografia, Arte e Língua Portuguesa, onde teriam que fotografar lugares (espaços onde tivessem

alguma familiaridade, sentimento, vínculo) para posterior interferência com a utilização de programas como Photoshop para acrescentar efeitos nessas fotografias.

A escolha dos locais, ou das paisagens a serem fotografadas foram escolha de cada estudante que escolheram os melhores ângulos para valorizar a paisagem escolhida. Nas imagens podem ser percebidas paisagens naturais, que são belas somente por aspectos produzidos pela própria natureza, sem interferência humana e que na sala de aula pode ser explorada de inúmeras formas, dentre as quais: a devastação do meio ambiente, a preservação, as modificações ocorridas em nossa cidade entre outras possibilidades. E ainda podem ser observadas paisagens culturais como a Praça da Igreja Matriz da cidade de Campo Erê, (Figuras 2 e 3) no Estado de Santa Catarina; paisagens onde aparecem residências, que puderam ser utilizadas para o estudo da modificação do espaço urbano e de aspectos culturais como, por exemplo, o fato da Igreja ser no centro da cidade.

Em ambas as fotografias podem ser constatadas a valorização visual proporcionada pela fotografia, bem como que esses espaços não são estáticos, mas vem se modificando de acordo com as necessidades humanas.

Os estudantes capturaram imagens de diferentes espaços como o pátio de casa, a paisagem rural, a vegetação ao redor de suas residências e até mesmo espaço com objetos pessoais como um violão com o qual mantém relações afetivas. Essas fotografias foram analisadas e apresentadas em sala onde cada estudante pode expor para a turma os motivos da escolha de tais imagens, demonstrando que de fato haviam internalizada o conceito.

Faz-se importante a compreensão que essa intervenção realizada na disciplina de Geografia foi apenas o início de um processo que ficou completo a partir do momento que também foi concluído nos componentes curriculares de Arte e de Língua Portuguesa.

O resultado do processo realizado de forma integrada foi organizado através de foto colagem, gif, vídeos move maker, pickmoker, para ser postado nas redes sociais de acesso da comunidade escolar², assim compartilhando uma prática de integração coletiva que na avaliação com os mesmos realizou um encantamento, uma satisfação em ver os resultados positivos e criativos.

² Link de apresentação postada no blog da Escola da Educação Básica Raul Pompéia:

<https://prezi.com/i-5xbl1iyy5x/edit/#8>

Figura 1 – Propriedade Rural na Linha Faxinal, município de Campo Erê - SC



Fonte: Imagens do acervo da autora, 2015.

Figura 2: – Propriedade Rural na Linha Faxinal, município de Campo Erê - SC



Fonte: Imagens do acervo da autora, 2015

Figura 3: Praça da Igreja Matriz do município de Campo Erê - SC



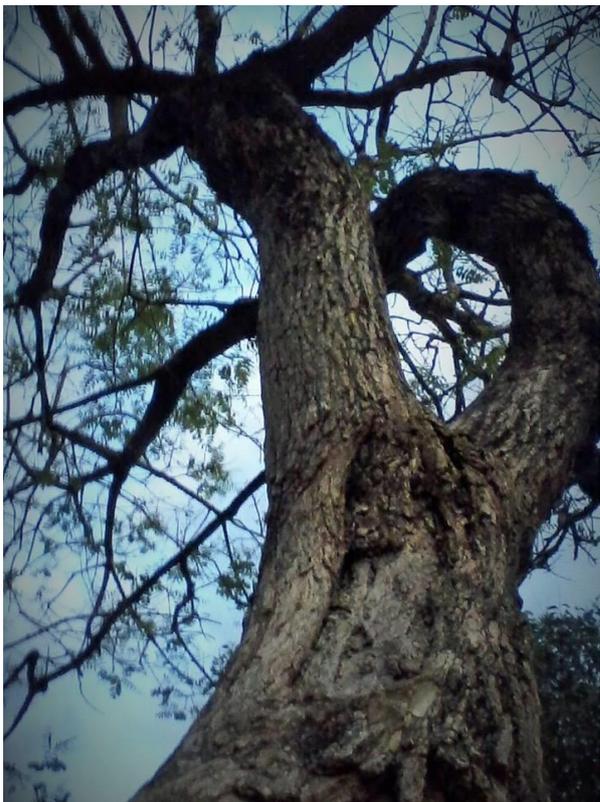
Fonte: Imagens do acervo da autora, 2015

Figura 4: Praça da Igreja Matriz do município de Campo Erê - SC



Fonte: Imagens do acervo da autora, 2015

Figura 5: Praça da Igreja Matriz do município de Campo Erê - SC



Fonte: Imagens do acervo da autora, 2015

Esses conceitos muitas vezes são apenas trabalhados como um conceito, desvinculado e distante do contexto de nossos estudantes, portanto nem sempre a aprendizagem de fato ocorre. Trabalhar esse tema utilizando recursos tecnológicos como a fotografia e o fato de ser trabalhado de forma interdisciplinar apresentou-se como um grande avanço proporcionado pela realização dessa prática, constatou-se que de fato houve aprendizagem, por meio dos depoimentos dos estudantes durante a socialização dos resultados do trabalho.

A motivação para a realização de uma atividade que foge as formas e padrões tradicionais, o empenho para o trabalho de forma conjunta e utilizando tecnologias que possuem e dominam cotidianamente também deve ser considerada, além do planejamento coletivo que foi um ponto positivo para a realização do trabalho.

As imagens capturadas pelos estudantes proporcionou uma valorização de diferentes lugares, inclusive do meio rural (Figura 1 e 2), onde o estudante também

pode constatar o belo existente em suas propriedades rurais, que foram transformadas por eles em um vídeo.³

Na figura 3, o estudante pode constatar o fato de a Igreja Matriz da Cidade de Campo Erê, SC, ser no centro da cidade, o que propiciou debates e comparativos com outras cidades.

Já na figura 4, pode ser observado a presença de um misto de elementos culturais e elementos naturais, despertando nos estudantes uma percepção e cuidado com os aspectos naturais presentes em cada lugar. Essa característica também pode ser percebida na figura 5, quando foi retratado a beleza presente nesse lugar.

Durante o percurso percorrido para a realização da prática vários foram os obstáculos e desafios enfrentados, muitos deles pelo fato de que nem todos os alunos possuem acesso à internet em casa, isso fez com que nem todos tivessem o mesmo aproveitamento e envolvimento na atividade.

Outro desafio que se apresentou foi o fato da escola não ter computadores suficientes, o sinal da internet lento que atrasa ainda mais o tempo que já é reduzido a três aulas semanais. Nesse ponto o fato da prática ser desenvolvida de forma interdisciplinar foi um ponto positivo por dispor de mais tempo para a realização da atividade.

Trabalhar de forma interdisciplinar foi o fio condutor para o sucesso da prática realizada, pois a intervenção na disciplina de Geografia foi apenas o início de um processo que ficou completo a partir do momento que também foi concluído nos componentes curriculares Arte e Língua Portuguesa.

Segundo o depoimento da professora de Língua Portuguesa Inês Lazzaretti (2015), que participou do trabalho interdisciplinar no trabalho sobre “O Lugar Onde Vivo” “o aluno pode construir ativamente e mostrar seu conhecimento ao integrar novas informações dentro do seu contexto social. Neste momento os trabalhos desenvolvidos, elaborados e capturados trouxeram maiores informações e detalhes das experiências vividas anteriormente”.

³LINK VÍDEO 8º Ano 2 da Escola de Educação Básica Raul Pompéia residentes na Zona Rural
<https://www.facebook.com/joici.bazzo/videos/vb.100001601268501/1003082199755146/?type=2&theate>

Ainda de acordo com Lazzaretti (2015), nessa atividade o mesmo pode reinventar, recriar, reviver e recontar seu espaço comparando com o novo, com as transformações, sendo assim, seu espaço passou a ser visto e valorizado de outra maneira. Neste sentido entende-se mais uma vez que as mídias são recursos valiosos no ensino-aprendizagem e não podem ser vistos como algo desnecessário, mas muitos ainda não estão abertos a essas transformações e demonstram muita insegurança e o grande desafio é como inserir as mídias na escola que contemple ao mesmo tempo toda a diversidade, as experiências culturais heterogêneas”.

O tradicionalismo foi ficando de lado e as nossas aulas foram melhorando cada vez mais. Pois nossos estudantes são seres ativos e necessitam de práticas e ações diferenciadas. Eles são sujeitos na construção de novos conhecimentos e precisam ser alimentados para digerir a tantas informações.

Já de acordo com a professora de Artes, Joici Lizete Bazzo (2015), que também participou da atividade interdisciplinar,

Algo significativo que me chamou atenção além do conhecimento adquirido foi o fato de fazer a experiência integrando as tecnologias no currículo de forma interdisciplinar, pois no meu entender isso possibilitou a realização das atividades com mais tempo para execução, utilizar mais vezes a sala de informática, implementação de ideias, avaliação do processo de maneira coletiva, socialização das tarefas, compartilhar os trabalhos através das redes sociais, uma grande aproximação entre as professoras das disciplinas envolvidas pois o contato era diário e necessário para informar o colega do andamento de sua aula e novas possibilidades de estudo que surgia” (BAZZO, 2015).

Sempre que se trabalha de forma interdisciplinar na escola, os temas sugeridos se apresentam de forma muito mais criativa e inspiradora, já que se pode contar com muitas ideias diferentes que se complementam e tornam o trabalho mais dinâmico, possibilitando que no conjunto os objetivos sejam alcançados.

6.2. ATIVIDADE 2: Elaboração de foto – sequência: A interferência Humana nas diferentes paisagens

Percebendo que os resultados obtidos com a atividade onde utilizamos as fotografias para a compreensão do conceito geográfico lugar, entendendo que houve grande envolvimento e bons resultados, sendo de fato percebido que a aprendizagem ocorreu, dentro do componente curricular Geografia, decidi pela realização de outra

atividade, utilizando a fotografia “elaboração de uma foto – sequência” para o estudo do conceito geográfico paisagem.

O tema escolhido para a realização da foto – sequência foi: A interferência humana nas diferentes paisagens.

As paisagens naturais são constantemente alteradas na busca por um maior conforto, progresso ou simplesmente pelo desejo incessante de lucro, imposto pelo sistema econômico vigente, movidos por esse desejo o ser humano acaba por interferir, modificar os recursos naturais, mudando as paisagens do ambiente em que vive. Essa interferência se dá por meio de atividades como o corte de árvores, ou até mesmo a sua queimada como pode ser percebido nos anexos 5, 6, 7 e 8, que demonstram a alteração da paisagem rural para a criação de animais domésticos, áreas agrícolas a construção de edifícios, estradas asfaltadas, áreas industriais, ou ainda o lançamento de resíduos orgânicos e industriais no ar, rios e mares. A relação do homem com a natureza ocorre por meio da dependência humana dos recursos da natureza. Com essas e outras modificações, surgem paisagens geográfica composta por uma mistura de elementos naturais e elementos alterados.

A interferência do homem na natureza é indispensável para a continuidade do funcionamento da sociedade, mas, por outro lado, é preciso lembrar que a natureza e seus recursos são esgotáveis e que ela necessita de respeito e cuidados especiais, com manejo e uso racional, com minimização dos impactos ambientais, nesse sentido a foto-sequência do anexo 4, contribuiu para a discussão dos impactos ambientais produzidos pelo lixo e as foto-sequências 5, 6, 7 e 8 em anexo, possibilitaram debates a respeito do desmatamento para a expansão da área agrícola.

Elaboração do roteiro fotográfico:

- Para a realização da atividade, num primeiro momento junto a turma, novamente o 8º ano 2 da Escola de Educação Básica Raul Pompéia de Campo Erê, SC, escolhemos o conceito a ser abordado na foto-sequência, definimos como tema o conceito geográfico “paisagem”, ou, “a interferência humana nas diferentes paisagens”.
- Os estudantes do 8º ano 2 da Escola de Educação Básica Raul Pompéia de Campo Erê, após o estudo do conceito Paisagem em sala de aula, após debates em torno das alterações ambientais provocadas pelo desejo de lucro, ou mesmo para adequar o ambiente em função de suas

necessidades, foram divididos em grupos onde escolheram as fotografias e realizaram a manipulação ou inserção de efeitos nas mesmas.

- Nos grupos foi decidido que utilizariam as muitas fotografias que os estudantes já haviam capturados para a realização de outra atividade desenvolvida durante o estudo do conceito Lugar. Nessa atividade anterior o estudo era direcionado ao “lugar onde vivem” compreendendo esse espaço como o lugar onde me identifico, me reconheço, e após debates compreendemos que aquele lugar que já estava retratado é também uma paisagem que foi modificada para atender, ou satisfazer algumas necessidades humanas.
- Nos grupos fizeram a escolha das imagens, observando aquelas que poderiam ser utilizadas para a realização da foto-sequência.
- Foi realizado ainda uma análise das imagens coletadas e exposição para o restante da turma dos motivos que levaram a escolha de tais imagens.
- Durante a edição e manipulação das imagens escolhidas pudemos perceber o entusiasmo e dedicação da turma para realizar uma atividade diferente das quais estão habituados.
- Na grande maioria, os estudantes mostraram familiaridade com os programas utilizados para realizar as interferências nas imagens capturadas através de photoshop, picassa, picmonkey, move maker para filtrar e colocar efeitos;

Descrição das fotos sequências

Nos anexos 1, 2 e 3 foram utilizadas fotografias de diferentes praças da cidade de Campo Erê – Santa Catarina, são imagens de uma paisagem cultural, onde a paisagem natural foi modificada para a construção de espaços destinados ao lazer.

Já no anexo 4, pode ser percebido a alteração da paisagem natural com o destino, inadequado do lixo que se mistura aos elementos naturais, compondo uma paisagem mista de elementos naturais e culturais

Nos anexos 5, 6, 7 e 8, é possível ser percebido a destruição da paisagem natural por meio do corte da vegetação natural (na fotografia, o pinheiro), para a utilização da área para práticas agrícolas.

A manipulação das imagens permitiu aos estudantes ampliarem sua concepção a respeito desse conceito (paisagem), pois demonstraram que antes do estudo não refletiam a cerca dessas mudanças, ou das intenções por trás da transformação de determinadas paisagens, sendo essas, apenas imagens que puderam ser analisadas e compreendidas a partir da vivência de cada estudante.

Como mencionado anteriormente:

[...] uma fotografia bem trabalhada pode levar o aluno a refletir sobre suas atitudes e a realidade em que está vivendo, possibilitando o interesse em estar descobrindo e entendendo mais profundamente a imagem fotográfica, observando, e, conseqüentemente tomar posturas e atitudes diferentes. (SILVA, 2004, p. 76).

Assim, a partir da constatação dos fenômenos estudados, cada estudante também pode repensar suas ações, identificando quais atitudes suas também podem ser modificadas.

A foto- sequência realizada, também possibilitou a análise dos lugares vivido pelos estudantes, pois utilizaram fotografias de espaços como praças, paisagens ao redor de suas casas e da escola. A utilização da fotografia despertou interesse durante a edição e manipulação das imagens escolhidas, pois, pude perceber o entusiasmo e dedicação da turma para realizar uma atividade diferente das quais estão habituados.

Para a realização de uma proposta de integração de tecnologias ao currículo, primeiramente foi necessário muito estudo, para compreender como seria possível fazer a integração de forma coerente, vinculada a realidade que se apresenta. Esse plano foi motivado pelo desejo de romper paradigmas e criar formas alternativas e atrativas de ensino, que rompam com a forma tradicional, igual a que nós educadores fomos educados e que não despertam o entusiasmo pela busca do novo, bem como não nos tornam sujeitos ativos e construtores do conhecimento.

Ao abordar os conceitos geográficos por meio de atividades integradas as TDIC, percebi nos estudantes maior interesse e entusiasmo, pois durante a realização da atividade puderam fazer uso dos celulares, que em nossa escola é recolhido durante o período das aulas, e nesse caso foram utilizados como ferramentas aliadas.

Os estudantes se dedicaram e durante a captura das imagens buscaram achar o melhor ângulo e a imagem que se encaixasse ao conceito estudado.

Durante a edição das imagens demonstraram que dominavam muitos dos programas de edição como o picassa e o photoshop entre outros e compartilhavam seus conhecimentos com os colegas que apresentavam maior dificuldade, possibilitando que

o objetivo fosse atingido por todos os envolvidos no processo, inclusive por mim educadora que aprendi muito, o que comprova que houve uma troca, que foi propiciado um espaço onde alunos e professora eram sujeitos ativos trocando experiências e aprendendo juntos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como professores, compreendemos a grande importância do conhecimento, do saber e estamos comprometidos para que o processo de ensino e aprendizagem em Geografia ocorra de fato e que, não seja apenas um “faz de conta”, onde o professor finge que ensina e o estudante finge que aprende.

Acreditamos que a educação possa ocorrer dentro de uma perspectiva crítica de ensino, onde o estudante participa de forma ativa do processo, ou seja, onde professores e estudantes busquem juntos a construção do conhecimento. Assim, estamos comprometidos com o ensino e aprendizagem da Geografia e concebemos as TDIC como uma importante ferramenta, que contribui para expandir as possibilidades para um ensino de qualidade.

Podemos concluir então, que muito se tem a melhorar no Ensino de Geografia, sendo necessário, um estudo detalhado e amplo sobre o uso das TDIC presentes no ambiente escolar. Faz-se necessário que os professores trabalhem uma Geografia menos técnica e mais temática, onde possam ser trabalhados os conteúdos geográficos, utilizando metodologias adequadas a cada faixa etária, através de atividades lúdicas que vise despertar a percepção espacial, bem como dos conceitos geográficos.

Sempre que se trabalha de forma interdisciplinar na escola, os temas sugeridos se apresentam de forma muito mais criativa e inspiradora já que se pode contar com muitas idéias diferentes que se complementam e tornam o trabalho mais dinâmico, possibilitando que no conjunto os objetivos sejam alcançados, como na atividade realizada de forma interdisciplinar no estudo do conceito geográfico Lugar, onde nas três disciplinas foram propiciadas práticas que levaram os estudantes a refletir sobre essa temática, e relacionar de diversas formas com suas vivências e experiências. A utilização das tecnologias para a compreensão do lugar foi de extrema importância, pois ampliou os recursos didáticos, ou as possibilidades para abordagem do conteúdo.

Portanto, o trabalho interdisciplinar é algo positivo e que nos permite a produção de novos saberes e a formação integral do sujeito, que saiba entender e esteja preparado para enfrentar os desafios que se apresentam, com uma visão mais ampla e não compartimentada da realidade, pois o aluno não aprende isoladamente, mas sim a partir de trocas. Devemos ensinar nessa perspectiva despertando o gosto, o interesse pelo saber e o senso crítico.

Fazer uma Especialização em Cultura Digital foi uma oportunidade de repensar minhas práticas, descobrir quais são minhas limitações e medos e aprender a utilizar essas tecnologias aproveitando o que podem contribuir para melhorar meu desempenho profissional, desempenhando de fato meu papel de educadora, que tem consciência de seus limites e busca melhorias, novos rumos para que de fato a aprendizagem ocorra.

A satisfação em propor algo que despertava o interesse imediato dos estudantes em sala de aula me propiciou realização profissional, pois, pude constatar que muitos desses estudantes manipulam muito bem as mídias, mas não com o objetivo pedagógico, então com o direcionamento do professor houve uma troca importante entre os envolvidos no processo. Sendo assim acredito que minhas expectativas não somente foram superadas como também vislumbro hoje um novo olhar muito mais criterioso na escolha das metodologias para o trabalho em sala de aula na disciplina de Geografia tendo como suporte a utilização de inúmeras tecnologias que estão presentes no contexto escolar.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Danielli da Silva. **O ensino de geografia: o uso das novas tecnologias**. Disponível em: <<http://www.cbg2014.org.br>>. Acesso em: 07 abr. 2016.

ANDRADE, Manoel Correia de. **Geografia ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1987.

ARCHELA, Rosely Sampaio; GOMES, Sirlaine. Metodologias Freinetianas e as tecnologias do século XXI no ensino de geografia. In: TORRES, Eloiza Cristina...[et.al]. (org). **Múltiplas Geografias: Ensino – pesquisa – reflexão; v.6**. Londrina: Midiograf, 2010. p. 69 – 98.

BOGDAN, R. e BILKEN, S. (1994). **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais**. Brasília: MEC, 1998.

BOMFIM, Natanael Reis. **A imagem da Geografia e do Ensino de Geografia pelos Professores das Séries Iniciais**. Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia: p. 107-116, 2006. disponível em: Cecenca.rc.unesp.br/ojs/index.php/estgeo/article/viewPDFInterstitial/210/176> acesso em: 17 junho 2009.

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de Geografia: Recortes espaciais para análise. IN: **Geografia em Sala de Aula: Práticas e Reflexões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 2003, pg 57 - 63.

CARVALHO, M. I. da S. S. **Fim de século: a escola e a geografia**. Ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. (Coleção Ciências Sociais).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura).

GOULART, Lígia Beatriz, Revisitando a Geografia: A Perspectiva integradora da Pedagogia de Projetos, IX Colóquio Internacional de Geocrítica. Porto Alegre, 2007.

MENEZES, Maria Eduarda de Lima, **Web Currículo e as potencialidades da autoria**. In: Anais [recurso eletrônico] / Colóquio Web Currículo: contexto, aprendizado e conhecimento, 08 de outubro de 2014 em São Paulo, SP – São Paulo: PUC-SP, 2014.

KAERCHER, Nestor André. Ler e escrever a Geografia para dizer a sua palavra e construir o seu espaço. In: NEVES, I. C. B. et al. (Orgs.). **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. 6. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 73 – 85.

KOSSOY, Boris. Realidades e ficções na trama fotográfica. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

_____. O gato comeu a Geografia Crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de Geografia. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org). **Geografia em perspectiva**: ensino e pesquisa. São Paulo: Contexto, 2002, p. 221-231.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? : novas exigências educativas e profissão docente** / José Carlos Libâneo. 6. ed.- São Paulo : Cortez, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTO. **Parâmetros Curriculares Nacionais**- Geografia. Brasília, Secretaria da educação -SEF, 1997.

PASQUALOTTO, Lucielle Cristina. Capitalismo e educação. **Revista Faz Ciência**, UNIOESTE, Francisco Beltrão, ago./jan. 2006, p. 325-342. Disponível em:<<http://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/viewFile/354/267>>. Acesso em: 03 de jun. 2008.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. A Geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 111-139.

SACRISTAN, Gimeno. **O Currículo, uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.

SECCATTO, Ana Cláudia. **Olhares sobre a fronteira Brasil-Paraguai a partir de fotografias Presentes nas mídias eletrônicas**. Dourados – MS, 2015.

SECCATTO, A. C.; NUNES, F. G. **A linguagem fotografica no ensino de Geografia: considerações a partir de práticas docentes no Ensino Médio**. In: Jussara Fraga Portugal; Simone Santos de Oliveira; Tânia Regina Silva Dias Pereira (Org). (Geo)grafias e linguagens: concepções, pesquisas e experiências formativas. Ed. Curitiba: CRV, 2013, V.1, p.337-356.

SILVA, Renata Martins. **O uso da fotografia no ensino da Geografia**. Londrina.2005.Monografia (Especialização em Ensino de Geografia)- Universidade Estadual de Londrina (pag. 76 a 84).

STAKE, R. E. (1999). **Investigación com estúdio de casos**. Madrid: Morata.

TORREZANI, Neiva Camargo. **Vontade de saber Geografia, 6º Ano/ Neiva Camargo Torrezani**. 2 ed, São Paulo: FTD, 2015, p. 18.

VESENTINI. José Willian. Educação e ensino de Geografia: instrumentos de dominação e/ou libertação. In: CARLOS. Ana Fani Alessandri. (Org). **A Geografia em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998, p.14-26.

_____. Geografia crítica e ensino. In: OLIVEIRA, Ariovaldo U. (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?** 5. ed. São Paulo: Contexto, 1994, p. 30-38.

YIN. Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 2. Ed. Porto Alegre: Bookmar, 2001.

9. ANEXOS

Anexo 1



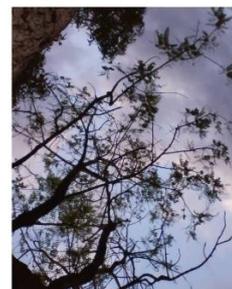
Fonte: Imagens do acervo da autora, 2015.

Anexo 2



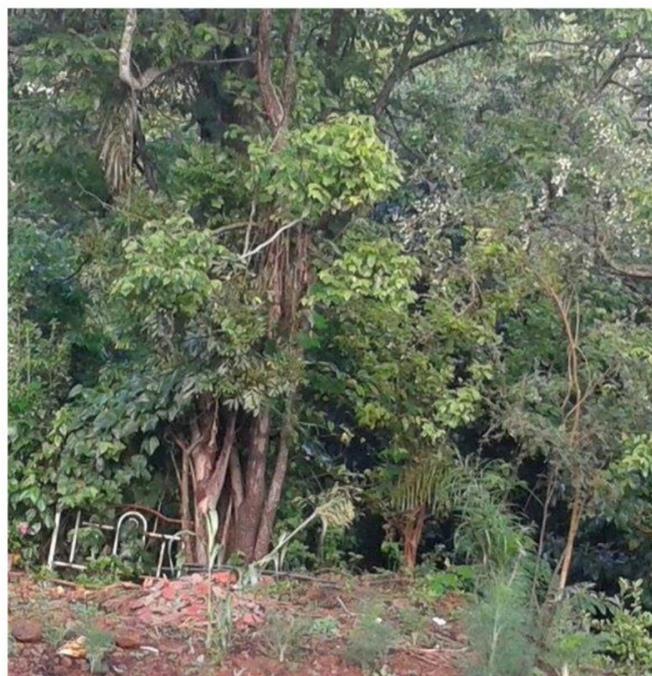
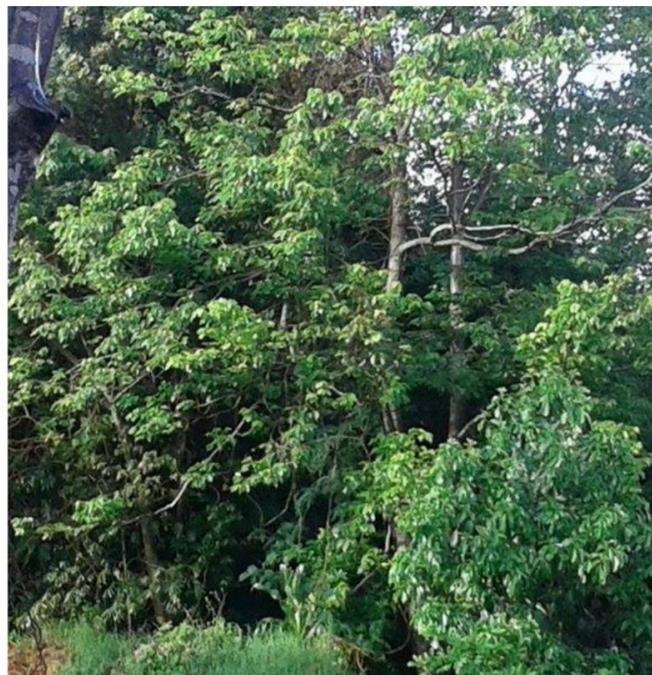
Fonte: Imagens do acervo da autora, 2015.

Anexo3



Fonte: Imagens do acervo da autora, 2015.

Anexo 4



Fonte: Imagens do acervo da autora, 2015.

Anexo 5



Fonte: Imagens do acervo da autora, 2015.

Anexo 6



Fonte: Imagens do acervo da autora, 2015.

Anexo 7



Fonte: Imagens do acervo da autora, 2015

Anexo 8



Fonte: Imagens do acervo da autora, 2015.